

Samba: a escola da vida.

Letícia da Silveira Espindula
Neuza Maria Sant'Anna de Oliveira
Thaiana de Assis Santana
(UERJ)

Eixo Temático: Fazendo escola com múltiplas linguagens.

Resumo

Atualmente o samba tem uma importância fundamental para a cultura brasileira. A diversidade que caracteriza essa manifestação popular é resultado de um processo histórico e cultural que começou no século XIX com os batuques dos escravos e pretos livres. Inicialmente proibida, essa prática sobreviveu, se fortaleceu e hoje se constitui como uma atividade de importância mundial. A escola, como instituição de formação social, não pode ignorar as diferentes dimensões culturais que formam a identidade brasileira, entre elas a cultura do samba, que se fortalece em eventos como o carnaval e o dia nacional do samba. Trazer a cultura do samba para o processo de ensino-aprendizagem é uma forma de resgatar a história do Brasil e valorizar as múltiplas linguagens que caracterizam a sociedade brasileira e que figuram em nossas salas de aulas. Nesse sentido, a escola demonstra aos educandos que nossa identidade nacional é formada por diversas manifestações culturais e que ela está disposta a aceitá-las, respeitá-las e apropriar-se do que elas têm de melhor a oferecer.

Atualmente o samba é reconhecido como uma das características que formam a identidade brasileira. Eventos de importância mundial, como o carnaval, provam como essa manifestação de cultura popular ganhou e continua ganhando espaço. Hoje o samba não tem uma só identidade, pode ser das classes populares, das classes média e alta, de negros, brancos, etc, porém, não se pode negar a origem negra deste “estilo musical”.

As primeiras manifestações dessa maneira singular de misturar som e dança vieram com os batuques dos negros e pretos livres no século XIX. Atualmente limitamos a definição de batuque a todo e a qualquer tipo ou espécie de som. Antes, porém, o batuque referia-se à prática cultural das etnias negras que expressavam o culto aos seus ancestrais por meio do canto, da dança, de risos, de gritos e da possessão que acompanhavam esse momento de alegria. Numa perspectiva européia, a palavra batuque indica a ação ou efeito de batucar; fazer barulho (SOUZA, 2005). Porém, seu significado vai muito mais além disso, pois, através da dança em harmonia com o som produzido pelos instrumentos, os negros entravam em contato, de acordo com suas crenças, com os orixás do candomblé.

Para a elite branca da época os batuques eram incômodos, barulhentos e, principalmente, considerados práticas mágicas que valorizavam a representação da morte por meio da possessão dos ancestrais cultuados e por isso deveriam ser proibidos. Mas, na realidade, os batuques significavam o resgate de valores culturais e o retorno às práticas da sua sociedade de origem. Mesmo assim, no século XIX, as práticas dos batuqueiros foram proibidas por não serem consideradas “civilizadas”, sendo permitidas apenas eventualmente, como em ocasiões festivas de colheitas bem-sucedidas.

Historicamente discriminados, outro argumento levou à proibição destas manifestações culturais africanas. Na visão do homem branco a reunião de um grande número de escravos em um mesmo lugar poderia levar a algum tipo de insurreição.

Dos batuques várias atividades dançantes tiveram origem, como, por exemplo, a capoeira, o jongo, o candomblé e o samba (SOUZA, 2005). Resgatar a cultura africana era difícil para os negros que chegavam ao Brasil, pois havia um grande controle sob tais práticas na sociedade escravagista. A solução era criar meios alternativos para garantir a sobrevivência da africanidade dos negros, como rituais secretos, uniões de etnias diferentes e redefinições de religiões. As práticas culturais africanas foram se desenvolvendo nos mais diferenciados espaços sociais.

Nesse contexto, surgiram os primeiros terreiros de candomblé no Brasil, como, por exemplo, a casa de orixá *Ilê Iyá Nassô* que, hoje, é uma das instituições mais respeitadas e duradouras do país. Mesmo com proibições e perseguições ao longo da história, o candomblé tornou-se a religião negra de maior importância no cenário nacional (MOURA, 1995).

Ainda no sentido de afirmação cultural do passado africano, mesmo com as proibições, surgiam as manifestações processionais negras na Bahia, como os blocos e os cordões liderados por africanos, crioulos e mestiços. Essas práticas foram configurando o carnaval baiano no final do século XIX e, posteriormente, com a decadência do café que acarretou a migração de nordestinos em busca de melhores condições no Rio de Janeiro, também o carnaval carioca.

O samba também teve origem nesse contexto. Ao som de tamborins, cuícas, reco-recos e agogôs, os câoros e os solistas cantavam refrões conhecidos pelos batuqueiros, formando, assim, as primeiras rodas de samba. Nelas havia também os sambas de partido

alto, que misturavam refrões conhecidos a versos improvisados de cada um. Acoplado a isso, a dança de movimentos rítmicos enriquecia esta manifestação popular.

Através de improvisações e reestruturações, os negros resistiam à repressão da sociedade escravagista. Para preservar suas tradições culturais, incorporavam seus costumes às festas brancas, assim, suas danças misturavam-se e adquiriam uma identidade miscigenada.

No final do século XIX surgiram instituições que procuravam resgatar a cultura negra, mesmo admitindo brancos em seu interior. Nessas casas famosos chefes de cultos (ialorixás, babalorixás, babalaôs), conhecidos como tios e tias, promoviam encontros de dança (samba), à parte dos rituais religiosos (candomblé) (SODRÉ, 1998). Mesmo perseguida por policiais e desvalorizadas por autoridades brancas, estas instituições resistiram e foram fundamentais para o resgate da tradição cultural africana. Entre elas, a casa da Tia Ciata (Hilária Batista de Almeida), localizada na Praça Onze, no Rio de Janeiro, tornou-se um símbolo de resistência e afirmação da etnia negra no Brasil, sendo uma das mais importantes e respeitadas pelos seus frequentadores. Foi nela que surgiu o samba como um novo gênero musical.

Daí para frente o samba foi sendo popularmente conhecido, sobretudo, no estado do Rio de Janeiro. Comunidades do estado passaram a ser referência desta manifestação, entre elas os bairros do Estácio de Sá, Oswaldo Cruz, Portela, Mangueira, entre outras. Nelas surgiam, também, os primeiros blocos carnavalescos e, posteriormente, as primeiras escolas de samba, conhecidas assim porque ensinavam samba aos seus moradores e frequentadores.

O primeiro desfile de escolas de samba foi promovido pelo jornal *Mundo Sportivo* no dia 07 de fevereiro de 1932. A idéia surgiu depois que o jornalista Mário Filho, diretor e proprietário do jornal, descobriu através de um de seus repórteres a existência das escolas de samba e a diversidade no público admirador dessas instituições. A primeira grande campeã foi a Estação Primeira de Mangueira, que se consagrava como uma das maiores representantes da cultura do samba no país (CABRAL, 1996).

Nos anos seguintes os desfiles foram ganhando mais importância e conseguindo atrair um público cada vez maior. O samba carioca passava a dominar o carnaval brasileiro tornando-se conhecido nacionalmente com a divulgação na mídia. As escolas de samba, cada vez mais numerosas, passavam a ser respeitadas e valorizadas por todos.

Em 1935 o concurso passou a ser promovido pela prefeitura. Algumas singularidades foram perdidas com a padronização do desfile, como, por exemplo, a improvisação dos versos de samba. Além disso, só poderiam competir as escolas filiadas à União das Escolas de Samba, a espontaneidade e a improvisação passavam a ser limitadas por normas e regras impostas pelas camadas superiores (AUGRAS, 1998). O carnaval deixava de ser uma manifestação de resgate da cultura africana para tornar-se um instrumento de exploração da indústria turística pelos patrocinadores. Porém, existem sambistas que procuram resgatar o verdadeiro sentido desta manifestação e isso pode ser percebido em eventos comemorativos como o dia nacional do samba.

No dia 02 de dezembro artistas populares dos mais diferentes lugares juntam-se a favor de uma só causa: a valorização da cultura do samba. A festa começa na Central do Brasil e estende-se até Oswaldo Cruz, onde a diversão continua. Nesse trajeto, são disponibilizados trens para levar a multidão, mas a música não pára. Em cada vagão rodas de samba animam o público formado por pessoas totalmente diferentes, são rostos, cores, raças, estilos variados, provando que hoje o samba não possui uma única identidade.

O carnaval também mistura pessoas diferentes. Acompanhando até mesmo os desfiles técnicos na Marquês de Sapucaí, percebemos que por mais que a mídia e os patrocinadores utilizem esta manifestação popular para a exploração da indústria turística, o carnaval não perde o seu valor e o seu significado, pois na passarela e nas arquibancadas encontramos as pessoas que transformam essa festa na mais importante e animada do Brasil. Por trás do que é mostrado para o mundo nos dias de desfile, existem verdadeiros conhecedores que vivem e valorizam o samba durante o ano todo.

O samba, como um produto nacional, é conhecido em cada parte do Brasil. Nesse sentido, o sistema de ensino brasileiro deveria apropriar-se desta manifestação cultural para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem. Os conteúdos curriculares valorizam muito mais a cultura erudita do que a cultura popular, mesmo tendo muitos integrantes da comunidade escolar diretamente ligados a ela.

O samba educa a população para o cotidiano na sociedade. Dentro das escolas, dos blocos, das comunidades, a tradição impera e a paixão por este movimento cultural ultrapassa gerações e enriquece a cada uma. O sistema de ensino parece, lamentavelmente, ignorar este movimento. Deveria haver um complemento entre os conhecimentos

transmitidos pelo mundo do samba e os conhecimentos do sistema educacional. Ignorá-los é desvalorizar a importância da cultura negra para a formação e constituição da cultura afro-brasileira, ou seja, é ignorar nossa própria história.

Além disso, o desfile das escolas de samba pode se transformar em verdadeiras aulas. Cada enredo apresenta, na maioria das vezes, uma parte da história do Brasil ou do mundo, um acontecimento cívico, uma atração esportiva ou mesmo a valorização de características da sociedade brasileira. Um exemplo claro é o enredo trazido pela escola de samba Estação Primeira da Mangueira no ano de 2007. A eterna verde e rosa, escola tradicional do Rio de Janeiro, apresentou na avenida o enredo “Minha pátria é minha língua, Mangueira meu grande amor. Meu samba vai ao Lácio e colhe a última flor” abordando a história e a importância da Língua Portuguesa como maior símbolo da identidade brasileira.

“Cantando eu vou
Do Oiapoque ao Chuí ouvir
A minha pátria é minha língua
Idolatrada obra-prima te faço imortal
Salve... poetas e compositores
Salve também os escritores
Que enriqueceram a tua história
Ó meu Brasil...
Dos filhos deste solo és mãe gentil
Hoje a herança portuguesa nos conduz
A Estação da Luz!”¹

Se uma das funções da escola é preparar as crianças para conviver em sociedade, deveria ela conhecer e valorizar o cotidiano ao qual as crianças pertencem, assim, tanto o sistema educacional sairia ganhando, pois enriqueceria seu currículo e tornaria mais interessante o processo de ensino-aprendizagem, quanto o samba, pois teria garantido a sua sobrevivência e resgataria seu valor como manifestação cultural popular originalmente nacional.

¹ Trecho do samba-enredo Minha Pátria É Minha Língua, Mangueira Meu Grande Amor. Meu Samba Vai Ao Lácio Colhe a Última Flor. Composição: Lequinho, Júnior Fionda, Anibal e Amendoim do Samba.

A escola precisa receber de portas bem abertas as diversas manifestações que formam a identidade cultural de nossos alunos. Não podemos negar a importância do samba entre essas manifestações. Mais do que nunca, é hora da escola formal abrir espaço para a cultura do samba, que também educa. Essa parceria é uma prática fundamental para valorizar a cultura dos alunos e transformar o processo educacional em uma atividade mais contextualizada, interessante e imensamente rica. Como afirma Paulo Freire, “a questão da identidade cultural, de que fazem parte a dimensão individual e a de classe dos educandos cujo respeito é absolutamente fundamental na prática educativa progressista, é problema que não pode ser desprezado” (FREIRE, 1996, p. 41).

REFERÊNCIAS

- AUGRAS, Monique. Os primeiros desfiles oficiais. In: *O Brasil do samba-enredo*. Rio de Janeiro: ed. FGV, 1998, p. 37-64.
- CABRAL, Sérgio. Surgem as escolas de samba. In: *As escolas de samba do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: ed. Lumiar, 1996, p.59-93.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira. *Net*, Rio de Janeiro, 2006. Seção Enredo. Disponível em: <http://www.mangueira.com.br/> Acesso em nov. 2006.
- LIMA, Augusto C. G. e. A cultura do samba: um espaço educativo? In: *CD-ROM X ENDIPE*, Rio de Janeiro, xendipe/artigos/237C.PDF, 2000.
- MOURA, Roberto. De Salvador para o Rio de Janeiro. In: *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- SOUZA, Edílson Fernandes de. A emoção dos batuques e a etiqueta religiosa nas posturas municipais. In: *Entre o fogo e o vento: As práticas de batuques e o controle das emoções*. 2ª ed. Recife: ed. Universitária UFPE, 2005, p.25-51.